



# DESEMPENHO DA PATERNIDADE: experiências de homens com filhos autistas nos vídeos do YouTube

DOI: 10.22289/2446-922X.V9N2A10

Marcos Aurélio **Fonsêca**<sup>1</sup>  
Laura de Araújo **Parreiras**  
Celina Maria **Modena**

## RESUMO

A paternidade é percebida como um momento singular na vida de um homem. Ser pai de um ou mais filhos com a condição autista resulta em experiências particulares e repercussões variadas nas famílias, o que exige a reconfiguração de papéis, modelos e expectativas. A participação efetiva nos cuidados das crianças autistas é desafiadora também para os homens. Assim, o objetivo foi compreender o desempenho da paternidade, a participação nos cuidados dos filhos e a construção da identidade masculina, através das experiências relatadas pelos participantes nas gravações de vídeos publicados no Youtube. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com objetivo descritivo-exploratório, tendo como procedimento a translação de informação visual já existente. A coleta de dados foi realizada em setembro de 2022, pela seleção de vídeos de acesso livre e gratuito. Foram analisados 23 vídeos, separados em dois grupos, sendo o primeiro composto por 14 relatos espontâneos e o segundo composto por 09 entrevistas. A análise dos dados foi realizada pelo conteúdo temático. Os resultados indicaram que os homens compartilharam suas experiências pessoais para apoiar outras pessoas que vivenciam as mesmas situações e relataram emoções e sentimentos, o processo do diagnóstico até a aceitação, o aprendizado mútuo durante os cuidados de seus filhos e a importância do apoio, incluindo o espiritual. Concluiu-se que os homens associaram a responsabilidade pelos cuidados dos filhos ao exercício da paternidade e à identidade masculina e que as redes sociais podem auxiliar na disseminação das informações, na redução dos preconceitos e no aumento da participação dos pais.

188

**Palavras-chave:** Paternidade; relações pais-filho; transtorno do espectro autista; uso de redes sociais.

---

<sup>1</sup> Endereço eletrônico de contato: mfonseca@ufmg.br

Recebido em 21/06/2023. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 31/08/2023.



## PERFORMANCE OF PATERNITY: experiences of men with autistic children in youtube videos

### ABSTRACT

Paternity is perceived as a singular moment in a man's life. Being the father of one or more children with autism results in particular experiences and varied repercussions in families, which requires the reconfiguration of roles, models and expectations. Effective participation in the care of autistic children is challenging for men as well. Thus, the objective was to understand the performance of paternity, the participation in the care of children and the construction of male identity, through the experiences reported by participants in video recordings published on Youtube. This is qualitative research, with a descriptive-exploratory objective, having as procedure the translation of already existing visual information. The data collection was carried out in September 2022, by selecting free and open access videos. Twenty-three videos were analyzed, separated into two groups, the first composed of 14 spontaneous reports, and the second composed of 9 interviews. The data analysis was carried out by thematic content. The results indicated that the men shared their personal experiences to support other people experiencing the same situations and reported emotions and feelings, the process from diagnosis to acceptance, the mutual learning during the care of their children and the importance of support, including spiritual support. It was concluded that men associated the responsibility for the care of their children with the exercise of paternity and male identity and that social networks can help in the dissemination of information, in reducing prejudice and increasing the participation of fathers.

**Keywords:** Paternity; parent-child relations; autism spectrum disorder; use of social networks.

189

---

## DESEMPEÑO DE LA PATERNIDAD: experiencias de hombres con hijos autistas en vídeos de YouTube

### RESUMEN

La paternidad se percibe como un momento singular en la vida de un hombre. Ser padre de uno o más hijos con autismo conlleva experiencias particulares y repercusiones variadas en las familias, lo que requiere la reconfiguración de roles, modelos y expectativas. La participación efectiva en el cuidado de los niños autistas es también un reto para los hombres. Así, el objetivo fue comprender el desempeño de la paternidad, la participación en el cuidado de los hijos y la construcción de la identidad masculina, a través de las experiencias relatadas por los participantes en las grabaciones de vídeo publicadas en Youtube. Se trata de una investigación cualitativa, con objetivo descriptivo-exploratorio, teniendo como procedimiento la traducción de informaciones visuales ya existentes. La recogida de datos se llevó a cabo en septiembre de 2022, mediante la selección de vídeos de acceso libre y gratuito. Fueron analizados 23 vídeos, separados en dos grupos, el primero compuesto por 14 relatos espontáneos y el segundo por 09 entrevistas. El análisis de datos se realizó mediante contenido temático. Los resultados indican que los hombres comparten sus experiencias personales para ayudar a otras personas que viven las mismas situaciones y relatan emociones y sentimientos, el proceso del diagnóstico hasta la aceptación, el aprendizaje mutuo durante el cuidado de sus hijos y la importancia del apoyo, incluido el espiritual. Se concluye que los hombres asocian la responsabilidad por el cuidado de los hijos al ejercicio de la paternidad y a la identidad masculina y que las redes sociales pueden ayudar a la difusión de la información, a la reducción de los prejuicios y al aumento de la participación de los hombres.

**Palabras clave:** Paternidad; relaciones padres-hijo; trastorno del espectro autista; uso de redes sociales.

*Rev. Psicol Saúde e Debate. Ago., 2023;9(2): 188-207.*



## 1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), é caracterizado por múltiplas condições de neurodesenvolvimento atípico, representadas principalmente por desordens nas áreas de comunicação e interação social e pela presença de comportamentos e interesses restritos, estereotipados e repetitivos (American Psychiatric Association, 2013). A etiologia dos autismos, nomeado desta forma pela grande variabilidade de formas de expressão desta condição, ainda está sendo pesquisada em todo o mundo, mas sabe-se que é mais prevalente em homens do que em mulheres e estima-se que afeta cerca de 1% da população mundial.

Trata-se de um quadro com grande heterogeneidade clínica, que necessita de investigação criteriosa, realizada por profissionais experientes, até que seja definido o diagnóstico (Hallmayer et al., 2011; Brasil, 2014; Oliveira et al., 2017; Marques & Dixe, 2011; Maenner et al., 2021). Com a detecção precoce do TEA, são recomendadas terapias e intervenções multidisciplinares para estimular o desenvolvimento global, podendo melhorar a comunicação social e reduzir a ansiedade e os episódios de crises. Um ambiente de apoio, que aceite e respeite as diferenças da criança é também crucial para o sucesso das intervenções (Lai, Lombardo & Baron-Cohen, 2014).

Os cuidados de uma criança com TEA produz mudanças na rotina, nas interações sociais e nos hábitos da família, que passa a vivenciar experiências distintas e a ter arranjos particulares, se comparadas àquelas com crianças típicas. Observou-se, pela experiência clínica de cerca de dez anos de um dos pesquisadores, que atuou como terapeuta ocupacional com dezenas de crianças autistas e suas famílias, que o pai parece ter maiores dificuldades para lidar com a realidade e para criar estratégias de enfrentamento da situação do que a mãe, o que pode estar relacionado às expectativas socioculturais de que à mulher seria natural assumir os cuidados dos filhos e da casa.

Verificou-se ainda, em alguns casos, que o homem além de não compartilhar ou assumir os cuidados, por vezes, não aceitava a condição do filho, o que gerava reações diferentes, tais como: recusa para falar do assunto, culpabilização da esposa quanto à condição e aos comportamentos do filho, omissão total das responsabilidades para além das financeiras, abandono da família e mesmo o divórcio.

As mães de crianças autistas vivenciam a mesma realidade dos pais e utilizam diferentes estratégias de enfrentamento, o que contribui para a preservação da saúde física e mental (Silva, Rocha & Fonsêca, 2023). Por outro lado, percebeu-se que há pouco ou nenhum espaço para os homens falarem de como eles vivenciam as particularidades de ter um filho diferente do idealizado, especialmente quando considerado que a prevalência é maior entre meninos e que estes não conseguem atender às expectativas dos pais, no sentido do processo de identificação recíproca entre os dois.



No Brasil, os cuidados dos filhos têm sido historicamente delegados às mães, quando o modelo tradicional de família nuclear, patriarcal e heteronormativa reforçou a dicotomia homem-mulher e naturalizou atuações específicas para o pai, como provedor da família, e para a mãe, como geradora dos filhos e promotora dos cuidados, no ambiente doméstico. Nas últimas décadas, mudanças sócio-histórico-culturais, lentas ou abruptas, permitiram a reconfiguração das famílias e, por conseguinte, a redefinição dos papéis tanto para as mulheres quanto para os homens (Cúnico & Arpini, 2013; Arruda & Lima, 2013). O modelo tradicional ainda faz parte da realidade contemporânea, mas perdeu a hegemonia, quando emergiram novos arranjos familiares e os questionamentos suscitados por eles puseram em xeque as estereotípias dos papéis; emergiram novas configurações de maternidade e paternidade, onde cada vez mais os pais estão participando da criação de seus filhos, vivenciando outras atribuições masculinas relacionadas à paternidade (Arruda & Lima, 2013; Gorin, Mello, Machado & Féres-Carneiro, 2015).

Ao terem filhos, típicos ou atípicos, as experiências maternas e paternas podem ser únicas e divergentes, baseadas no desejo de serem pais e expectativas (individuais e sociais) em relação aos filhos, no contexto sociocultural em que são forjados estes papéis ou mesmo nas capacidades e condições individuais desses homens e mulheres para assumirem as funções de cuidar e educar uma criança (Macêdo et al., 2021). Diante de uma situação inesperada, após o diagnóstico de TEA, os pais relatam sentimento de perda e precisam de apoio para entender sobre tal situação e para lidar melhor com as demandas geradas pelo desenvolvimento atípico de seus filhos (Cheuk & Lashewicz, 2015; Camilleri, 2022). A amplitude de possibilidades das manifestações traz desafios permanentes aos pais de crianças com TEA, que precisam aprender, no dia a dia, como se relacionar e se comunicar com seus filhos, de modo que possam interpretar e atender suas necessidades. Com o passar do tempo, vai se estabelecendo o aprendizado, quando os pais começam a compreender as particularidades nos comportamentos e ações dos filhos, abrindo espaço para o curso de desenvolvimento da criança.

Dentre as estratégias utilizadas pelos pais para lidar com a condição do filho, destaca-se o uso das redes sociais, principalmente pela facilidade de acesso à informação, o baixo custo, a rapidez e a atualização constante. Todavia, a amplitude das possibilidades também engloba o risco de obter informações distorcidas ou de fontes com pouco ou nenhum rigor quanto à confiabilidade dos conteúdos. Na atualidade, estão disponíveis informações científicas sobre o TEA e praticamente todas as demais condições de saúde e isso pode contribuir no processo da educação em saúde. Entretanto, as redes sociais também abrigam conteúdos pseudocientíficos e outros sem qualquer fundamentação séria.

Vasconcellos-Silva (2023) indaga o uso indiscriminado das mídias eletrônicas e o critica, afirmando que “a ação comunicativa para superação de ideologias e emancipação do ser humano tem sido reduzida à reprodução alienada de memes e partículas de informação sensacional, por vezes enganadora” (p.1129). Para além da busca do conhecimento, sustentados pelas inúmeras



dificuldades da vivência paterna atípica, alguns pais caminham em outra direção, quando criam nas redes sociais comunidades onde relatam sobre suas vivências para ajudar e informar homens que passam pela mesma situação. O propósito passa a ser orientado muito mais pela solidariedade e o senso de pertencimento do que pela procura de explicações e teorias sobre o que acontece com a criança.

Pela facilidade de acesso e uso, alguns pais “atípicos” têm utilizado o *YouTube* para compartilhar suas experiências e também para agregar outros interessados em participar de comunidades, utilizando-se da abertura de canais. A plataforma é líder no compartilhamento de vídeos e um dos sites que mais cresceram, desde sua criação em 2006. A mídia eletrônica demonstra ter grande alcance e efetividade, quando se sabe que o Brasil é o quinto país onde mais se busca orientações relacionadas à saúde na Internet e tal ferramenta vem se mostrando cada vez mais importante quando se trata de compartilhamento e informações sobre saúde (Aragão & Farias, 2022; Oliveira, Goloni-Bertollo, & Pavarino, 2013).

Este artigo teve como objetivo compreender o desempenho da paternidade, a participação nos cuidados dos filhos e a construção da identidade masculina através das experiências relatadas pelos homens durante as gravações de vídeos publicados no *YouTube*. A revisão da literatura demonstrou que os estudos não abordam com profundidade as relações e o processo de identificação entre o pai e o filho autista. Então, esta pesquisa teve a intenção de contribuir para o campo da Psicologia, ao trazer as falas e experiências subjetivas dos homens nos cuidados de seus filhos, que são atividades fortemente marcadas pela perspectiva de gênero (Costa, 2002).

192

## 2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, com objetivo descritivo-exploratório, utilizando como procedimento a translação de informação visual já existente (Bauer & Gaskell, 2008, pp. 148-155). A coleta de dados foi realizada em setembro de 2022, ao ser realizada a seleção de vídeos de acesso livre e gratuito no *YouTube*, que é a plataforma digital de compartilhamento de vídeos mais conhecida e utilizada no Brasil. Os termos utilizados para a busca foram: “relato pai e criança autista”, “paternidade e autismo” e “pai atípico”. Os vídeos foram assistidos em sequência, na ordem de aparição da lista da plataforma, mantendo-se o objetivo da pesquisa e o foco naqueles que tratassem exclusivamente das experiências dos homens que têm filhos com autismo.

Foram selecionados os primeiros 50 vídeos por ordem de exibição pela plataforma e que tratassem diretamente do tema. Elaborou-se uma planilha com o *link* de acesso de cada vídeo, para análise posterior. Em uma primeira etapa, foram excluídos os que não tratavam diretamente do tema e os repetidos, dado que foram usados mecanismos de busca diferentes, restando 33 vídeos. Em uma segunda etapa, foram retirados os vídeos gravados exclusivamente por profissionais, os



que não tratavam de crianças ou adolescentes, os que eram parte de um outro maior (sendo este incluído) e vídeos em outro idioma diferente do português. Restaram, para análise final, 23 vídeos, que foram separados em dois grupos, sendo o primeiro composto por relatos espontâneos dos pais, com 14 vídeos (identificados pela letra maiúscula P, de 01 a 14) , e o segundo composto por entrevistas concedidas pelos pais, em um total de 09 vídeos (identificados pela letra maiúscula P, de 15 a 23).

Todos os 23 vídeos foram assistidos novamente, quando os pesquisadores realizaram a sistematização das informações na planilha, descrevendo as características sociodemográficas (relatadas pelos participantes) e condições de gravação dos vídeos, como ambiente físico, recursos tecnológicos utilizados, intervenções, participação dos filhos ou outras pessoas durante a gravação. Em seguida, os vídeos foram transcritos, utilizando-se a extensão do *Google Chrome* que permite a transcrição do vídeo a partir da plataforma *YouTube*.

Na análise dos dados, os trechos das falas dos participantes foram agrupados pelo conteúdo temático (Minayo, 2014) e foram construídas três categorias: entre o diagnóstico e a aceitação do filho autista, o mútuo aprendizado entre o pai e a criança autista e o discurso religioso como âncora das expectativas para o futuro.

A pesquisa “Paternidade e autismos: a participação dos homens no cuidado dos seus filhos sob as perspectivas de gênero e das masculinidades”, foi previamente submetida e aprovada pelo Comitê de Ética do Instituto René Rachou – FIOCRUZ Minas, obtendo o parecer 5.538.629, de 21/07/2022, sob o CAAE 57905522.2.0000.5091. Sendo o *YouTube* um *site* onde as pessoas que compartilham sabem do caráter público de seus vídeos, não houve a imposição do consentimento livre e esclarecido dos participantes para realização da pesquisa. Entretanto, optou-se por garantir o anonimato dos participantes e a proteção de qualquer dado que permitisse identificá-los ou aos seus filhos, como recomendado na Resolução nº 510/2016.

193

### 3 RESULTADOS

Levando em consideração que os participantes da pesquisa não foram abordados diretamente, não foi possível traçar o perfil sociodemográfico informado pelos participantes. Todavia, baseando-se nas características observáveis nas imagens ou mesmo em algumas informações prestadas ao longo dos vídeos, foi possível traçar um perfil aproximado. Todos os participantes eram jovens, provavelmente com idades entre 25 e 45 anos, exceto um deles, que aparentava ter mais de 50 anos. A cor de pele branca (18 homens) foi predominante, seguida pela cor parda (04 homens) e apenas um era de cor preta. Pela compreensão e forma de expressão sobre a condição dos filhos, especulou-se que a maioria tinha boa escolaridade, além de que alguns informaram suas profissões. Em relação aos filhos, a maioria era de meninos, corroborando a



prevalência do autismo descrita nos estudos recentes; somente quatro eram meninas e em dois casos, tratou-se de dois filhos com autismo na mesma família.

Os vídeos foram gravados com recursos tecnológicos diferentes. Nos relatos espontâneos, grande parte deles foi realizada no ambiente familiar, sendo que muitos apresentaram suas casas e também os filhos. Observou-se que a maioria planejou a execução do vídeo, com a escolha do ambiente adequado (predominantemente salas) e o anúncio do objetivo da gravação, ainda que revelassem o caráter amador; outros gravaram livremente, sem preparação. Pela dinâmica dos vídeos, pareceu que a maioria utilizava o aparelho celular para a gravação. Em alguns vídeos, foram apresentados os filhos autistas, as esposas e ainda outros membros da família, como demais filhos. Houve, ainda, a gravação de um vídeo dentro do carro e outro em uma praça. A duração média destes vídeos foi de 8 minutos e 10 segundos, sendo que o mais longo teve duração de 14 minutos e 21 segundos.

Por outro lado, nas entrevistas, evidenciou-se a diferença dos recursos tecnológicos e a qualidade dos vídeos, uma vez que eles foram gravados em estúdios, com suporte profissional. Dado que as entrevistas têm intenções diferenciadas de comunicação e informação, o formato e a duração dos vídeos buscaram atender aos objetivos. O tempo das gravações foi maior, em média 14 minutos, sendo que um deles, excluído desta média, durou uma hora. Este último foi no formato de *live* pela Internet.

O propósito da gravação dos vídeos, tanto no caso dos espontâneos quanto das entrevistas, foi explicitado quando quase todos os participantes manifestaram o desejo de: dar dicas, informar, compartilhar experiências e ajudar outras famílias. Em alguns casos, eles se aproximavam do expectador, quando se dirigiam a ele para “falar especialmente a outros pais de autistas”. Alguns deles assumiram uma postura de solidariedade e encorajamento, buscando a recíproca identificação com aquele que o assistia, como nas falas:

Parece que ninguém entende a sua luta, né? Mas a gente entende, a gente tá aqui também para tentar acolher vocês que entraram no universo do autismo, sempre de forma um pouco abrupta (P03).

A gente já estuda autismo há muitos anos e existem sim jeitos de fazer a sua vida ficar menos pesada (P03).

Você que é pai de uma criança com autismo ou com qualquer outra necessidade, você precisa também correr atrás, ou seja, dos direitos dele, para ajudar de alguma forma. Você precisa levantar a cabeça e seguir. E faça o seu melhor, cara! É o melhor para sua família, para o seu filho, que eles vão agradecer eu tenho certeza (P12).

Os relatos e experiências dos homens com seus filhos autistas revelaram o longo percurso de aceitação, aprendizado e responsabilização pelo qual eles passaram. As falas dos participantes foram contundentes quanto à importância do conhecimento, para saber sobre o que se passava com o filho. Foi possível relacionar os resultados desta pesquisa nas três categorias apresentadas a seguir:



## Entre o diagnóstico e a aceitação do filho autista

A dificuldade em aceitar o diagnóstico se destacou na fala dos participantes como o primeiro obstáculo a ser vencido. Três deles disseram claramente sobre os sentimentos que vivenciaram diante do diagnóstico dos filhos. Neste momento, os homens pareceram alinhados ao referirem sobre o desconhecimento e o medo que sentiram frente ao novo, quando alegaram que “não faziam ideia do que era”. Antes de compreender o que se passava e chegar à fase da aceitação, os pais relataram o “período de luto”, que foi associado à perda da idealização do filho e ao sentimento de culpa; ademais, um dos participantes disse que “parece que o encanto quebra”.

O período de luto foi descrito como um momento difícil, mas também como decisivo para o enfrentamento, como pode ser visto no contraste das falas dos participantes:

No início foi um período assim, bem complicado, delicado, digamos assim, um período que os profissionais chamam de período de luto, é um período que os pais têm uma certa dificuldade de entender, né, todo aquele contexto daquela situação, e muitas vezes de aceitar também a situação (P04).

Tem a investigação, diagnóstico, a fase do luto, da separação, depois do tratamento, e aí você chega no ponto que é o que a gente tá agora, começando agora, um ponto que você consegue entender melhor, como viver melhor, consegue perceber que o autismo não é uma doença (P01).

Pois na fase do luto precisamos erguer a cabeça e tocar a vida, porque agora que nós temos a certeza e quando o diagnóstico é fechado, precisamos é dar todo suporte, todo o apoio (P12).

195

Ainda que, em certa medida, tenha sido relacionado ao sofrimento, o diagnóstico correto foi valorizado por todos os pais, sem exceção. No caso do TEA, dada a amplitude das manifestações e a variabilidade dos casos desta condição de saúde, associada à necessidade de uma avaliação criteriosa para a definição diagnóstica, a procura dos profissionais habilitados pareceu fundamental para orientar na busca das melhores intervenções, como ressaltado nas falas dos pais:

E eu sempre falo, quanto mais cedo for o diagnóstico, melhor, mais cedo pode começar a intervenção (P03).

A melhor forma de lidar com isso é tendo um diagnóstico claro, preciso, a respeito da condição de seu filho ou da sua filha. A segunda questão é que nós precisamos ter um pouquinho de humildade para aceitar esse diagnóstico. Não é fácil, tá?!, porque nós, como pais, criamos algumas expectativas a respeito dos nossos filhos e, na verdade, eles vão ser o que eles precisam ser (P13).

Chegamos no psiquiatra, uma consulta foi suficiente para identificar. Os sinais eram muito evidentes, claro para quem está na frente, exatamente, e aí ele começou, ele fechou o diagnóstico de (nome do filho) e começou a me explicar, perguntou se eu entendi o que era autismo e eu comecei a explicar pra ele que não sabia nada disso (P16).

E a criança foi diagnosticada com autismo, bom, então é a hora de correr atrás de terapia, correr atrás de médico, de medicamento. Quando esse é o caso, correr atrás de conhecer os direitos, conhecer o que é o autismo, estudar sobre o autismo, conversar com pessoas que também estão envolvidas com a causa do autismo, saber das leis, dos direitos e daquilo que lhe compete e que envolve (P12).





Além do diagnóstico, os pais destacaram a importância de compreender o funcionamento da condição do filho e reforçaram o quanto é fundamental o filho vivenciar as experiências rotineiras com toda a família, a inclusão em atividades sociais comuns a todos e da ajuda profissional para o pleno desenvolvimento de suas capacidades, como relataram:

Todos na casa precisam entender que o autismo é um transtorno de ordem neurológica e as dificuldades que a criança enfrenta não são por escolha própria e todos os membros da casa vão precisar apoiar e ajudar (P03).

Corremos atrás de tudo aquilo que a gente acha que vai ser bom para ele e que vai ajudar ele no seu desenvolvimento, seja psicológico, seja pedagógico, seja cognitivo. Bom, então, nós assim decidimos fazer para que ele possa ter uma vida que ele possa se desenvolver e para que ele possa ser autossuficiente (P12).

No entanto, apesar de expressarem uma visão positiva e otimista da paternidade e do cuidado de seus filhos, os participantes também elencaram uma série de sentimentos, emoções, medos, angústias e dificuldades que vivenciaram com a descoberta da condição de seus filhos. Eles declararam vivenciar sobrecarga, pressões e preconceito, por exemplo. De modo geral, foi percebido que os pais defenderam a busca da superação destas vivências como forma de ajuda ao filho. Algumas falas foram bastante contundentes, como relatado pelos seguintes participantes:

Ter uma criança autista em casa é ter trabalho por duas, os índices de depressão em pais de crianças autistas são enormes! Como se não bastassem as dificuldades inerentes ao autismo no dia a dia, ainda tem a pressão externa de um mundo normal, uma sociedade que nos pressiona para funcionar, mas de maneira normal (P03).

Mesmo o autismo leve é assim, ele está nos pequenos detalhes, mas é cansativo, exaustivo. Só quem cuida de uma pessoa com autismo entende isso e é por isso que a nossa luta é tão difícil (P08).

A gente suspira e pensa: ninguém sabe o que eu tô passando, ninguém entende, as pessoas, de verdade, não enxergam o quanto é difícil para quem cuida. Eles não têm "cara de autista", não parecem ser autistas. Eu ouço muito isso, e é bastante frustrante. Às vezes, parece que estão minimizando as nossas dificuldades (P03).

A rotina da família muda completamente. É como eu falei, em relação a tudo, e porque vem as terapias que precisam ser feitas e a dificuldade também em relação aos locais onde a família costuma frequentar, porque infelizmente hoje em dia, no século que nós estamos, ainda existe preconceito e, em relação às crianças especiais, as pessoas ainda olham atravessado, as pessoas ainda rejeitam, as pessoas ainda criticam, as pessoas ainda ridicularizam e fazem deboche em pleno século 21. É, mas é uma realidade que a família precisa enfrentar também (P12).

Ela precisa de cuidado 24 horas porque ainda eu não posso largar ela ainda sozinha. Então, tipo, mas a gente tá sempre em cima dela, tem câmera na minha casa, então eu tô no meu quarto eu sei onde ela tá, o que que ela tá fazendo, então, a gente toma certos cuidados (P23).

Além de questões pessoais, os homens relataram outros problemas advindos da condição de seus filhos, que estão relacionados desde à rotina da casa e do trabalho, a partir das necessidades de cuidado, até questões como o relacionamento a dois, a instabilidade dos casamentos (culminando no divórcio) e crise financeira, como ficou marcante em:



O diagnóstico do meu filho mais velho, é... mexeu muito com toda a família, comigo, com minha esposa. Fez com que a gente transformasse, nossa, nossos planejamentos, tanto planejamento socioeconômico quanto o planejamento de objetivos, de vida, e a gente acaba modificando isso para um outro caminho (P05).

Embora os números relacionados aos divórcios pós-diagnóstico, eles não são baixos é... alguma, alguns locais que a gente olha em torno de trinta por cento e vinte por cento, então, números altos, tá?! e a gente vive isso na prática, agora, domingo, a gente soube de mais um acontecido, uma tragédia essa...(P07).

Isso cansa, afeta também, não consegue relaxar, passear. Sempre, como temporada é o passeio com a minha esposa, mas tem que ter alguém para cuidar deles, é difícil também encontrar (P09).

Nos relatos dos participantes, os desafios cotidianos aparecem mesclados às oportunidades de evolução e crescimento pessoal, creditado às diferenças inerentes à condição do filho, o que pode ser verificado na próxima categoria.

### **O mútuo aprendizado entre o pai e a criança autista**

Na maioria dos vídeos analisados, os autores explicitaram seus processos individuais do exercício da paternidade e do cuidado de seu filho ou filha com autismo e muitos relataram diversos períodos, incluindo a gestação, o nascimento e o desenvolvimento da criança, até começarem a perceber diferenças, especialmente pela comparação com outras crianças, seja os outros filhos ou crianças de fora da família. Ainda que cada experiência tenha aspectos singulares, há confluências quanto ao protagonismo das mães e da escola na identificação das diferenças, o que conduziu à investigação, que culminou no diagnóstico e nas intervenções. Nenhum participante assumiu ter dado início ao processo de avaliação, embora vários deles relatassem a busca conjunta feita pelo casal. Nas falas abaixo, pode-se constatar que o início do percurso é repleto de dúvidas:

A gente só repara em certas dificuldades, que a gente já está super acostumado, quando a gente vê crianças neuro típicas da mesma faixa de idade escutando e obedecendo a instruções simples numa boa, se vestindo sozinhos, comendo, usando os talheres sem fugir da mesa 10 vezes, por exemplo (P03).

São as mulheres que buscam esse conhecimento, que participam, que vão a eventos presenciais, só mulher, as mulheres presentes nas caminhadas, nas lutas pelos direitos, né, e tão poucos pais participando, é algo que precisa ser mudado, então se você já é um pai que participa ativamente da vida do seu filho, parabéns, né (P05).

Os participantes descreveram a paternidade de um filho autista e os cuidados que exercem como um processo de aprendizado, uma vez que era novidade para a maioria deles. Mesmo nos casos de mais de um filho com TEA, os pais revelaram surpresas. Além das singularidades de cada caso, os relatos trouxeram características e formas típicas de expressão do autismo e do aprendizado contínuo no dia a dia. Nas falas, os pais frisaram que se tratava de um aprendizado mútuo e que também aprenderam muito na relação com seus filhos, que alguns nomearam como atípica:



Nesse mundo atípico, tem muito aprendizado para a gente também, né, as conquistas, né, elas são muito importantes. Cada conquista, por mais minúscula que ela seja, aí e em outros casos, como crianças. Às vezes, passa até despercebido, a gente vibra muito aqui em casa a cada pequena conquista, às vezes, a gente chora de emoção (P04).

À medida em que eu ensino meu filho, eu também aprendo a lidar com as crises e hoje eu entendo quando é uma crise ou quando realmente é birra de criança, aquela coisa de, sabe, a gente aprende a distinguir para também não tá tomando um julgamento errado (P13).

Todo dia a gente está aprendendo uma técnica nova, uma forma nova, mas o que é mais importante é que, independente de qualquer limitação, nós entendemos que a nossa filha, ela é especial, mas é especial não por ter o transtorno autista, é que é a nossa filha (P14).

Alguma coisa que eu mais aprendi com meu filho até agora é aprender a me frustrar. Eu acho que para levar para vida toda também, né, você põe expectativas muito altas em coisas (P15).

Outro ponto vigoroso presente no discurso dos participantes foi a defesa da participação dos homens no cuidado dos seus filhos. Para além do impacto que a nova realidade causa na dinâmica familiar e mesmo nas relações conjugais, como constatado pela significativa frequência de divórcios, os pais demonstraram empenho no cuidado dos filhos e no compartilhamento das responsabilidades com as mães. Em dois casos, os pais eram os únicos cuidadores dos filhos. Um dos participantes foi enfático, ao dizer “Ser pai é participar, é estar presente” (P01). Outros valorizaram seus envolvimento na educação e desenvolvimentos dos filhos e defenderam que os demais assumam postura semelhante, como em:

Nesses momentos quando eu estou com os meus filhos é onde eu me sinto mais realizado, né, não abro mão de ser um pai bastante participativo e que tem como objetivo de vida cada vez mais me dedicar, mas passar mais tempo com eles, né, então evito muitas vezes assumir muitos compromissos, muitas viagens, para conseguir ficar mais tempo com eles e aproveitar esse momento, não só para o desenvolvimento deles, mas também para que eu me sinta melhor, porque eu aprendo muito com os meus filhos (P05).

Quero é deixar uma mensagem para você que ainda não é esse pai, que ainda não consegue encontrar um tempo ou o desenvolvimento emocional para conseguir participar ativamente da vida do seu filho, que você tenha um momento de reflexão, aproveite essa época para refletir sobre isso e sobre um diferencial que você pode fazer na vida da sua família na vida do seu filho e principalmente a diferença que isso pode fazer na sua vida, você se tornará uma pessoa muito melhor (P05).

Aprendendo é supertranquilo a e eu garanto para vocês que quanto mais cedo vocês procurarem ajuda melhor (P13).

O cuidado do filho autista foi associado pelos pais aos termos “jornada” e “luta”, cuja representação foi a de um esforço diário para oferecer ao filho as condições ótimas para o que eles nomearam como “desenvolvimento”, minimizando as perdas e evitando a exclusão. Embora reconhecendo que a tarefa de cuidar é difícil, os pais argumentaram que as mulheres ficarão sobrecarregadas sem o compartilhamento com o homem. Eles também afirmaram que exercer esse papel os fortalece e os torna pessoas melhores, o que pode ser visto em:

O privilégio enorme conviver com alguém assim, que exige que você seja sua melhor versão (P17).



A gente começou lutar por políticas públicas e aí juntou uma série de problemas e tudo mudou a gente. Eles começaram a frequentar muitos atendimentos e eu tinha que levar, eram dois, né? Então, pra mãe levar não dá, ela não dava conta de levar os dois... aí, a gente entrou numa crise financeira terrível, mas porque não dava para conciliar a vida profissional e o atendimento dos meninos (P16).

Ser companheiro também é cuidar da casa, lavar a roupa da tua filha. Você se preocupa que ela vai ter roupa para usar ou não. Essa tua mulher ou quem é o seu companheiro, a pessoa que vai fazer essa função no teu lugar, vai ter que cuidar também (P21).

E deve ser luta, luta, luta, luta, luta! Corre, corre, corre para chegar em algum lugar e aí, né, você chega. Chega no topo e é tão difícil de manter o topo, cara (P18).

O enfrentamento da realidade e a força para se manterem “em luta” pareceu estar associada à capacidade de conhecer, compreender e aceitar a situação e ainda ao suporte social e familiar. Nesta direção, contar com o suporte espiritual ou religioso foi importante para muitos homens e suas famílias, como demonstrado a seguir.

### **O discurso religioso como âncora das expectativas para o futuro**

Uma criança com autismo pode gerar várias dúvidas aos pais quanto à capacidade dele se cuidar, fazer coisas comuns como brincar, estudar e trabalhar, de ser independente, de como será o futuro, principalmente quando os pais não estiverem mais presentes. Os participantes contaram que as conquistas diárias dos filhos foram comemoradas, por mais simples que fossem. A proposição otimista de um pai resumiu uma posição que poderia ser assumida por todos eles:

Então, um primeiro ponto de uma criança autista é você esquecer o que o seu filho vai ser no futuro e cuidar dele no presente, dar apoio hoje, isso é que vai mudar essa pessoa, essa criança, e que vai permitir que ela tenha um futuro independente. Então esquece o futuro, cuida, abraça, apoia, dê carinho, dê amor, pensa por ela hoje que você vai estar garantido lá na frente (P02).

Entretanto, as vivências dos pais não foram percebidas pela maioria com a mesma tranquilidade e positividade, quando alguns alegaram que:

A primeira coisa, aquilo que sempre falta, primeira coisa da cabeça, quem é que vai cuidar dele quando a gente não estiver aqui, primeira coisa que passou na cabeça, minha principal preocupação (P06).

Quando eu vi um diagnóstico e a gente passa a refletir, a gente passa a se perguntar como será dali por diante e normalmente a gente não fica triste; a gente fica preocupado, a gente fica receoso, o quê e qual vai ser o futuro do nosso filho (P12).

Dado que os pais que participaram das gravações provavelmente já atingiram certo nível de conscientização e de aceitação da condição de seus filhos, percebeu-se que eles, em alguma medida, já haviam refletido sobre a questão das expectativas. Então, este ponto foi tratado com menos preocupação, até mesmo com uma postura resiliente:

Autistas são pessoas maravilhosas e por mais dificuldade que eles tenham, por mais que eles não se encaixam no padrão da sociedade, eles têm muito a oferecer. Nós não podemos



perder a fé, não podemos perder a esperança, não podemos desistir dos nossos filhos. É que eles têm muito potencial se a família estender a mão, apoiar, confiar e pegar com deus. Com certeza, eles desenvolvem, nos surpreendem (P16).

Hoje em dia eu tenho pensamento diferente sobre ele e eu sei que ele tem uma certa dificuldade para aprender algumas destas coisas. É, mas eu sempre tenho esperança (P11).

Nesta pesquisa, chamou atenção que, em quase todos os vídeos, houve alguma manifestação de fé ou de religião nas falas dos participantes. Provavelmente, para lidar com a situação, muitos pais encontraram conforto no discurso religioso e, mais além, interpretaram a vinda do filho com uma condição diferenciada, que também foi nomeada de “especial” ou “atípica” por eles, como uma benção ou ainda uma missão a ser realizada. Apesar de relatarem sentimentos ambíguos no momento do diagnóstico, nenhum dos participantes revelou sustentar qualquer sentimento negativo, por exemplo de culpa ou punição, quando compreenderam e passaram a aceitar o autismo do filho. A presença de “Deus” em suas falas foi nitidamente percebida e, muitas vezes, evocada para fortalecer o discurso e comprometer os ouvintes, como visto em:

Isso não é algo de outro mundo, não seja um empecilho, pelo contrário, é um dom que Deus nos dá pra amar de verdade, amar verdadeiramente (P09).

Ele é a minha missão de vida e ele me ensinou que a gente não vem para cá a passeio, que quando você entra no estágio do passeio, Deus te dá uma nova missão, né, e eu tenho muito orgulho de dizer que eu tenho um filho autista, porque todo autista é um ser humano (P18). Deus é quem providencia todas as coisas para cada um de nós. Se ele permitiu que nós fôssemos pais dessas crianças é porque ele sabia o que só nós conseguiremos. E com ajuda dele, fazer o melhor por essas crianças e pela nossa família (P12).

Nossos filhos são herança do Senhor, eles são benção para nossa vida, mas o autista, ele requer um pouco mais de cuidado, um pouco mais atenção (p13).

200

Os argumentos com base nas crenças espirituais e religiosas foram entendidos como parte da aceitação e essencial para a construção de expectativas de futuro mais coerentes com a realidade da criança. Os resultados permitiram inferir que alguns participantes elaboraram uma visão híbrida entre o discurso científico e o mítico-religioso pelas lacunas explicativas ainda presentes, dada a complexidade dos autismos.

## 4 DISCUSSÃO

Mediante a análise das falas dos homens em seus relatos virtuais, emergiu um amplo rol de temáticas que merecem ser discutidas. O ponto de partida será a afirmativa de um deles, ao referir sobre a visão que as outras pessoas têm sobre o autismo, muitas vezes como doença, e das falas desnecessárias que mais os incomodam do que reconfortam: “se você não souber o que dizer, não precisa dizer nada. Está tudo bem. O que os pais e mães de autistas precisam é que as pessoas reconheçam o autismo e respeitem a condição” (P08). Na mesma direção, muitos relatos foram contundentes sobre o caminho para desmitificar o autismo: o (re) conhecimento e o respeito.



Um ponto forte, presente na maioria dos vídeos foi a questão dos direitos específicos dos autistas, o que é factível pensar, pode facilitar seu desenvolvimento. A Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2012) garantiu os direitos às pessoas autistas, mas a luta para torná-los realidade e a diminuição dos preconceitos ainda permanece como desafios para as famílias, como foi ressaltado pelos participantes. O enfrentamento dos preconceitos e a luta pelos direitos das pessoas autistas são duas faces de uma mesma moeda.

Conhecer a condição do filho e obter o diagnóstico médico, mesclados com sentimentos contraditórios, foram bastante significativos para os participantes da presente pesquisa, o que foi argumentado por estudos anteriores (Mapelli et al., 2018; Aguiar & Pondé, 2020; Mihandoust et al., 2021). Se por um lado, há certo alívio porque “tudo se explica” e, finalmente, as intervenções corretas podem ser oferecidas, por outro, toda a família passa a vivenciar um longo ciclo de mudanças, que é dependente de diálogo, entendimento e aceitação. Nos vídeos analisados, os homens buscaram transmitir uma postura sincera e otimista, mesmo porque expressaram o objetivo claro de ajudar aos outros. Todavia, os relatos das suas experiências também foram atravessados por angústias, inseguranças e medos.

Os participantes contaram sobre os impactos do autismo nas próprias vidas e de suas famílias, na organização das rotinas da casa, nos relacionamentos intra e extra familiares, no casamento e na convivência social. Verificou-se que eles estavam confortáveis para descrever suas vivências quanto ao percurso do luto do filho idealizado até a aceitação do filho real. Alguns sentimentos contraditórios emergiram em suas palavras, quando o amor pelos filhos pareceu ser frequentemente testado pela rotina exaustiva dos cuidados, pelos preconceitos e pelas dificuldades que os filhos apresentam para superar as barreiras impostas socialmente ou mesmo pela própria condição. Não foi identificada uma visão romantizada do autismo, mas os participantes foram enfáticos quanto às suas responsabilidades para oferecer as condições adequadas aos seus filhos para lidarem com suas diferenças e eventuais dificuldades.

Marques e Dixe (2011) pesquisaram sobre os impactos do autismo na dinâmica familiar e pessoal dos pais de autistas e concluíram que “adaptar-se à mudança e continuar a crescer é um processo que, em geral, requer uma experiência construída, não é uma realização repentina e é isso que, talvez, lhes permite conservar a saúde mental” (p.70). Pelos relatos, identificou-se múltiplos impactos nas famílias, para além das repercussões na saúde mental, como apontado pela pesquisa de Aguiar e Pondé (2019); foram apontados impactos gerais sobre a dinâmica da casa, a rotina diária e as atividades sociais e de lazer, quando foi reforçada a importância do envolvimento de todos os membros nas decisões e na participação nos cuidados da criança. Alguns homens falaram sobre algo pouco discutido, que é a relação do casal.

Pode-se inferir que a prioridade dada ao filho lança a relação conjugal em um plano secundário, com vários impactos na vida familiar e do casal com filhos autistas, o que poderia ser



associado à tendência maior ao divórcio nestes casos (Aguiar & Pondé, 2020). Um outro aspecto relevante e que também afeta dramaticamente as famílias é o alto custo das intervenções profissionais necessárias e que reduzem as condições financeiras das famílias, constituindo mais um ponto de estresse e conflitos.

Esta pesquisa também permitiu compreender o processo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, de autodescoberta destes homens. Os participantes falaram sobre o incômodo de estar diante do desconhecido e o que sentiram, até que conseguissem compreender o que se passava com o filho. Os pais mostraram que a informação e o conhecimento mudaram o modo como interagem com seus filhos e possibilitaram a busca de intervenções mais produtivas. As fontes de informação e a produção do conhecimento sobre o autismo foram descritas como diversas, ora transmitidas pelos profissionais ou especialistas (muitas vezes através da Internet e das redes sociais), ora pelo compartilhamento das experiências diárias com outros pais.

Houve destaque para o que os homens chamaram de aprendizado mútuo, ou seja, muitos deles disseram que aprenderam tanto quanto ensinaram aos seus filhos. Em alguns relatos, os pais disseram crer que a vinda de seu filho com a condição era parte de um processo divino para que ele aprendesse algo que não seria acessível se não tivessem que vivenciar experiências que sequer imaginavam antes de terem um filho autista. Como parte do aprendizado, houve demonstrações de mudanças internas nestes homens, como por exemplo na fala: “Alguma coisa que eu mais aprendi com meu filho até agora é aprender a me frustrar. Eu acho que para levar para vida toda também, né, você põe expectativas muito altas em coisas” (P15). Esta fala indicou que o autoconhecimento foi fundamental para a modulação das expectativas.

De modo geral, os homens admitiram o protagonismo das mães, embora houvesse também homens que assumiam parcial ou totalmente os cuidados dos filhos. De forma explícita ou não, os pais defenderam que os homens são tão responsáveis quanto as mulheres pelos cuidados das crianças, típicas ou atípicas. Visentin e Lhullier (2019), ao estudar as mudanças nas representações sociais da paternidade, em curso nas últimas décadas, afirmaram que “para tornar-se pai, o homem precisa estar aberto às novas experiências e, principalmente, estar disponível emocionalmente” (p.310), ou seja, ser pai requer certa economia afetivo-emocional, orientada pelo desejo de assumir este papel. Por se tratar de vídeos produzidos por homens com posturas participativas na criação e educação dos filhos, não foi possível a comparação com aqueles que têm pontos de vista antagônicos. É defensável que poucos assumiriam abertamente uma posição de descomprometimento, embora estes certamente componham um número importante de pais de autistas, como pode ser verificado nos serviços de atenção.

Nas últimas décadas, o papel do homem na família e no cuidado dos filhos tem sido reinterpretado, principalmente com as repercussões dos novos arranjos familiares e pelas inserções das mulheres no mundo do trabalho, deixando de ser a única responsável pela gestão do lar e das tarefas domésticas, o que tem sido nomeado de paternidade participativa, caracterizada pelo



envolvimento no dia a dia dos filhos, em atividades de educação, lazer, alimentação e higiene (Arruda & Lima, 2013).

Paralelamente, pode-se dizer que as masculinidades também cursam a transformação, quando os homens assumem funções tidas historicamente como femininas. Isto não destitui e, pelo contrário, redimensiona o que a sociedade e os próprios homens pensam sobre “o que é ser homem?”. E, atualmente, esta pergunta ganhou uma dimensão mais complexa quando a hegemonia do modelo tradicional heteronormativo tem sido colocada em questão, tanto pelas mudanças sociais, em especial aquelas correlacionadas com os avanços conquistados pelas mulheres, quanto pelos estudos em si que discutem os discursos e papéis sociais e ocupacionais forjados pelos e para os homens ao longo dos séculos, sustentados basicamente nos privilégios advindos da condição masculina (Connell & Messerschmidt, 2013; Medrado et al., 2010).

Nos vídeos analisados, destacou-se o discurso religioso, ainda que nenhum dos participantes tenha declarado vinculação entre suas crenças e a decisão de gravar. Tomando-se a percepção do filho como uma “benção” e de que a sua condição foi compreendida como uma “missão”, pode-se discutir a função da dimensão espiritual e/ou religiosa nas experiências destes homens. Verificou-se que, em alguma medida, a dimensão mítico-religiosa funciona como ponto de ancoragem para lidar com as adversidades impostas pelo autismo, ora auxiliando no processo de aceitação, ora como resposta às perguntas: “Por que comigo? Por que na minha família?” Nos casos daqueles que associaram a vinda do filho atípico a alguma explicação divina, foi também presente à conclusão de que isso ocorreu para que eles se tornassem pessoas melhores ou seres humanos mais evoluídos.

Em situações limite ou diante das dificuldades, é natural que as pessoas busquem respostas, explicações e força para enfrentar a realidade em suas crenças e religiões. A fé e a positividade alimentam esperanças. O discurso com tonalidade religiosa manifestado pelos homens, mais presente nas falas das mães de crianças autistas, foi compreendido como uma forma de transcendência, de estratégia para ajudar na aceitação e na superação de uma situação que não pôde ser explicada somente pela razão e pelos conhecimentos científicos (Pandya, 2021; Ekas et al., 2019).

Outra forma de superação sinalizada pelos vídeos foi o compartilhamento e a troca de experiências. De certa forma, ao apoiar outros homens, contando suas histórias, alguns participantes revelaram seus processos de autoconhecimento e de amadurecimento. Freitas e Gaudenzi (2022) analisaram os vídeos postados por mulheres no *YouTube*, com metodologia aproximada à que foi adotada neste estudo. Em alguns aspectos, a intencionalidade dos pais converge com as das mães, quando as autoras afirmaram que:

as mulheres dos vídeos analisados falavam prioritariamente sobre suas experiências como mães de autistas e, em sua maioria, em tom confessional, abordando os percalços emocionais de ter um filho com autismo, tais como o luto do filho ideal promovido pelo





diagnóstico e a construção do cuidado de uma criança autista (Freitas & Gaudenzi, 2022, p.1602)

As redes sociais potencializam a comunicação, devido ao amplo alcance e, por isto e outras facilidades, são o principal meio de escolha atualmente. O *YouTube* é uma plataforma onde pessoas comuns encontram espaço para manifestações, depoimentos e divulgação de conteúdos que não atingiriam tantas pessoas por mídias tradicionais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falar de suas experiências como pais, os homens abordaram aspectos bastante significativos de suas vidas, desde aqueles relativos à dimensão subjetiva até outros da vida cotidiana. Os participantes compõem um grupo diferenciado de pais, uma vez que revelaram, com suas falas, o que foi entendido como um processo de amadurecimento, o que os autorizou ao compartilhamento das experiências. Ademais, revelaram ser pessoas que têm facilidade de acesso à informação e à tecnologia digital, acesso aos profissionais e aos serviços de saúde e de educação e suporte emocional, familiar, social e espiritual. Feito este recorte, seria fundamental novas investigações que englobassem as percepções de pais que se encontram em outras condições.

Nesta pesquisa, os homens argumentaram que eles devem ser presentes e participativos como pais e que não cabe somente às mulheres assumir os cuidados dos filhos, especialmente quando um ou mais são autistas. Assumindo esta postura, eles contestaram o modelo patriarcal e machista, construído historicamente, de que a responsabilidade pelos filhos e pelas atividades domésticas cabe exclusivamente à mulher. Pode-se afirmar que, para eles, as identidades masculina e paterna não são afetadas ao compartilharem as responsabilidades com as mulheres.

O uso das redes sociais para compartilhar informações e produzir conhecimento acerca das diversas condições de saúde se mostra como uma potente ferramenta de comunicação e para a educação em saúde. Entretanto, cabe ao expectador a seleção de fontes confiáveis para acesso aos vídeos, uma vez que é ele quem julga a qualidade da informação recebida, especialmente quando não há referências prévias. Nesta pesquisa foram incluídos apenas vídeos produzidos por pessoas comuns, com falas bem fundamentadas nas próprias experiências, mas sem a pretensão técnica; provavelmente, os resultados seriam diferentes se os participantes fossem os profissionais de saúde ou de outro campo. Outra vertente desta contradição é o quanto o conteúdo presente nas gravações pode verdadeiramente influenciar ou ajudar outras pessoas que vivenciam situações semelhantes. Como vários homens declararam que falavam diretamente a outros pais, a primeira intenção poderia ser a de fomentar no expectador a noção de pertencimento a um grupo e, conseqüentemente, fortalecer o outro, ao perceber que ele “não está sozinho”.



## 6 REFERÊNCIAS

- Aguiar, M. C. M., & Pondé, M. P. (2020). Autism: impact of the diagnosis in the parents. *J Bras Psiquiatr.* 69(3). p. 149-55. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000295>
- Aguiar, M. C. M., & Pondé, M. P. (2019). Parenting a child with autism. *J Bras Psiquiatr.* 68(1). p.42-47. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000223>
- American Psychiatry Association. (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental disorders - DSM-5.* (5th ed). American Psychiatric Association.
- Aragão, M. G. B., & Farias, M. R. (2022). Conexão SUS: um canal do YouTube como instrumento de formação educacional e fortalecimento do Sistema Único de Saúde. *Saúde Debate,* 46(133). p. 421-431. <https://doi.org/10.1590/0103-1104202213312>
- Arruda, S. L. S., & Lima, M. C. F. (2013). O novo lugar do pai como cuidador da criança. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia.* 4(2). p. 201-216. <https://doi.org/10.5433/2236-6407.2013v4n2p201>
- Bauer, M. W., & Gaskell, G. (2008). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.* Vozes.
- Brasil. (2012). Lei nº 10.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,* Brasília, DF.
- Brasil (2014). *Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA).* Brasília (DF): Ministério da Saúde. [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes\\_atencao\\_reabilitacao\\_pessoa\\_autismo.p df](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.p df).
- Camilleri, L. J. (2022). Exploring the lived experiences of fathers of children on the autism spectrum: a narrative inquiry. *Sage Journals.* p. 1-13. <https://doi.org/10.1177/21582440221089927>.
- Cheuk, S., & Lashewiz, B. (2015). How are they doing? Listening as fathers of children with autism spectrum disorder compare themselves to fathers of children who are typically developing. *Autism.* 20(3). p. 343–352.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas.* 21(1). p. 241-282.
- Costa, R. G. (2002). Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. *Estudos feministas.* 2. p. 339-356.



- Cúnico, S. D. & Arpini, D. M. (2013). A família em mudanças: Desafios para a paternidade contemporânea. *Pensando Famílias*. 17(1). p. 28-40.
- Ekas, N. V., Tidman, L. & Timmons, L. (2019). Religiosity/spirituality and mental health outcomes in mothers of children with Autism Spectrum Disorder: the mediating role of positive thinking. *J Autism Dev Disord*. 49. p. 4547–4558. [https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10803-019-04165-z](https://doi.org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10803-019-04165-z)
- Freitas, B. M. S., & Gaudenzi, P. (2022). “Nós, mães de autistas”: entre o saber da experiência e as memórias coletivas em vídeos no YouTube. *Ciência & Saúde Coletiva*. 27(4). p. 1595-1604. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022274.07212021>
- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*. 16(2). p. 3-15.
- Hallmayer, J., Cleveland, S., Torres, A., Phillips, J., Cohen, B., Torigoe, T., Miller, J., Fedele, A., Collins, J., Smith, K., Lotspeich, L., Croen, L. A., Ozonoff, S., Lajonchere, C., Grether, J. K., Risch, N. (2011). Genetic heritability and shared environmental factors among twin pairs with autism. *Arch Gen Psychiatry*. 68. p. 1095-1102. <https://doi.org/10.1001/archgenpsychiatry.2011.76>
- Kanner, L. (1943). Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P. S. (org.) (2012). *Autismos*. Escuta.
- Lai, M.C., Lombardo M. V., & Baron-Cohen S. (2014) Autism. *Lancet*. 8(383). p. 896-910. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(13\)61539-1](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(13)61539-1)
- Macêdo, A.G.A.O., Freitas, C. A. S. L., Monteiro da Silva, M. A., Melo, E. S, Mazza, V. A., Oliveira, C. M., & Rosa, B. S. C. (2021). Percepções e sentimentos de famílias de crianças com transtorno do espectro autista. *Saúdecoletiva*. 11(68). p. 7555-59. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i68p>
- Maenner, M. J., Shaw, K. A., Bakian, A. V., Bilder, D.A., Durkin, M. S., Esler, A., Furnier, S. M., Hallas, L., Hall-Lande, J., Hudson, A., Hughes, M. M., Patrick, M., Pierce, K., Poynter, J. N., Salinas, A., Shenouda, J., Vehorn, A., Warren, Z., Constantino, J.N... Cogswell, M. E. (2021). Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. *MMWR Surveill Summ*. 70(11). p. 1-16. <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.ss7011a1>
- Mapelli, L. D., Barbieri, M. C., Castro G. V. Z. D. B., Bonelli, M. A., Wernet, M., & Dupas, G. (2018). Criança com transtorno do espectro autista: cuidado na perspectiva familiar. *Escola Anna Nery*. 22(4). p. 1–9. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2018-0116>
- Marques, M. H., & DIXE, M. A. R. (2011). Crianças e jovens autistas: impacto na dinâmica familiar e pessoal de seus pais. *Revista de Psiquiatria Clínica*. 38(2). p. 66–70.



- Medrado, B., Lyra, J., Azevedo, M., & Brasilino, J. (2010). *Homens e masculinidades: práticas de intimidade e políticas públicas*. Instituto PAPAI.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. (14 ed). Hucitec.
- Mihandoust, S., Khademi, M., & Radfar, M. (2021). Stages of grieving in fathers of autistic children: a qualitative study. *European Review for Medical and Pharmacological Sciences*. 25. p. 7698-7708.
- Oliveira, F., Goloni-Bertollo, E. M., & Pavarino, E.C. (2013). A Internet como fonte de informação em saúde. *J. Health Inform*. 5(3). p. 98-102.
- Oliveira, B. D. C., Feldman, C. Couto, M. C. V., & Lima, R. C. (2017). Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. *Physis*. 27(3). p. 707-726.  
<https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300017>
- Pandya, S. P. (2021). Examining the effectiveness of WhatsApp-Based Spiritual Posts on mitigating stress and building resilience, maternal confidence and self-efficacy among mothers of children with ASD. *J Autism Dev Disord*. 51. p. 1479–1495. <https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1007/s10803-020-04633-x>
- Silva, L. C., Rocha, M. B., & Fonsêca, M. A. (2023). Estratégias de enfrentamento utilizadas por mães de crianças com a condição autista e suas repercussões na saúde mental. In R. Silveira (Org) *Psicologia: a Mente em seu Entendimento* (pp. 8-38). Editora Union.  
<https://doi.org/10.5281/zenodo.8000240>
- Vasconcellos-Silva, P. R. (2023). O consumismo da desinformação em saúde: os abjetos objetos do desejo. *Ciência & Saúde Coletiva*. 28(4). p.1125-1130. <https://doi.org/10.1590/1413-81232023284.11752022>
- Visentin, P. M., & Lhullier, C. (2019). Representações sociais da paternidade: um estudo comparativo. *Fractal: Revista de Psicologia*. 31(3). p. 305-312. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i3/5640>